

O HUMOR VERBAL E O LIVRO DIDÁTICO DE LÍNGUA PORTUGUESA

Claudia Moura da ROCHA
Universidade do Estado do Rio de Janeiro
claudiamoura@infolink.com.br

Resumo: O objetivo da presente comunicação é divulgar alguns resultados obtidos com a pesquisa sobre a presença do humor verbal no livro didático de Língua Portuguesa (ROCHA, 2013). Em virtude de o livro didático ser ainda um dos principais recursos didáticos utilizados em sala de aula (mesmo sendo alvo de constantes críticas por suas inadequações conceituais ou metodológicas) e por identificarmos expressiva presença de textos humorísticos nessas obras (não é raro encontrarmos, nesses livros, capítulos dedicados ao humor), optamos por elegê-lo como nosso *corpus* de estudo. Seleccionamos dez coleções de livros didáticos distribuídos pelo PNLD (Programa Nacional do Livro Didático) e analisamos como o humor verbal, e por extensão o texto de humor, é abordado por tais obras didáticas. Como referenciais teóricos utilizados em nossa pesquisa, podemos citar Batista; Rojo; Zúñiga (2005), Bezerra (2003), Bunzen e Rojo (2005), Costa Val e Marcuschi (2005), que se dedicaram a investigar mais detidamente o livro didático de Língua Portuguesa. Nosso intuito foi verificar de que maneira o texto de humor vem sendo abordado pelos livros didáticos (se serve como pretexto para o ensino de gramática; se ocorre a sua utilização nas atividades de produção textual) e como os recursos linguísticos que provocam o humor verbal são aproveitados. Os resultados obtidos confirmaram nossas hipóteses sobre a presença do humor verbal nos livros e o seu aproveitamento nas atividades de ensino de língua e de produção textual.

Palavras-chave: Livro didático; Humor; Língua Portuguesa

1. Considerações iniciais

O livro didático, embora seja alvo de constantes críticas (devido a inadequações conceituais ou metodológicas nele encontradas), ainda pode ser considerado um dos principais recursos didáticos utilizados nas salas de aula brasileiras. Seja por falta de tempo de preparar suas próprias aulas, seja por não dispor de outro recurso didático para utilizar com seus alunos (boa parte das escolas brasileiras ainda não oferece modernos recursos tecnológicos, como computador com acesso à internet ou lousa digital, por exemplo), o professor ainda confere ao livro didático um lugar de destaque em suas aulas. Nossa constatação em nada deve induzir o leitor a menosprezar a relevância desse recurso. Os manuais didáticos, até chegarem à sua configuração e formatos atuais, são instrumentos de que o professor tem se valido para melhorar e enriquecer suas aulas e merecem, portanto, o reconhecimento que lhes é devido.

Observando o atual contexto educacional, percebemos que ocorreram, ao longo do tempo, mudanças na seleção dos textos que compõem um livro didático. Se analisarmos obras de diferentes épocas, reconheceremos o lugar de destaque que os textos do cotidiano, como notícias de jornal, receitas, tiras e histórias em quadrinhos, foram ocupando (os textos literários foram perdendo a hegemonia no universo dos livros didáticos). Dentre esses textos, identificamos presença expressiva de textos humorísticos em livros didáticos mais recentes (algumas obras até dedicam capítulos específicos ao humor).

Em face do papel importante que o livro didático desempenha no cenário educacional brasileiro e da presença constante de textos de humor nessas obras, optamos por elegê-lo como nosso *corpus* de estudo. O objetivo da presente comunicação é divulgar alguns resultados obtidos com a pesquisa sobre a presença do humor verbal no livro didático de Língua Portuguesa (ROCHA, 2013). Seleccionamos dez coleções de livros didáticos distribuídos pelo PNLD 2011 (Programa Nacional do Livro Didático) e analisamos como o humor verbal, e por extensão o texto de humor, vem sendo abordado por tais obras didáticas. Podemos citar, como referenciais teóricos adotados, Batista; Rojo; Zúñiga (2005), Bezerra (2003), Bunzen e Rojo (2005), Costa Val e Marcuschi (2005), que se dedicaram a investigar mais detidamente o livro didático de Língua Portuguesa. Nosso intuito foi verificar de que maneira o texto de humor vem sendo abordado pelos livros didáticos atuais (se o texto humorístico serve de pretexto para o ensino de gramática; se ocorre sua utilização nas atividades de produção textual) e como os recursos linguísticos que provocam o humor verbal são aproveitados.

Antes de nos determos na abordagem do humor verbal (e conseqüentemente do texto que o veicula), façamos um breve histórico do surgimento do livro didático no Brasil e da mudança ocorrida no tocante à seleção textual efetuada nos livros didáticos de Língua Portuguesa.

2. Livro didático: um pouco de história

Passemos à trajetória evolutiva dos livros didáticos no Brasil. Durante o período colonial, a educação ficara a cargo dos jesuítas, em cujos colégios ensinavam-se as disciplinas de base: a Gramática, a Retórica e a Poética, aplicadas ao estudo das línguas latina e portuguesa (SOUZA, 1999, p. 21-25).

É relevante esclarecer que os livros didáticos como os conhecemos atualmente diferem bastante de outros tipos de materiais pedagógicos utilizados anteriormente, principalmente no que tange à sua estrutura.

Pfromm Neto, Rosamilha e Dib (1974, p. 154-155) ressaltam a escassez de informações sobre os primeiros livros usados no Brasil para o ensino de leitura. No final do século XV, existiam em Portugal as *cartinhas*, que mais tarde seriam chamadas de *cartilhas*, pequenos livros que reuniam o abecedário, o silabário e rudimentos de catecismo. A *Cartinha de Aprender a Ler*, de João de Barros, impressa em 1539, em Lisboa, é um dos mais antigos livros didáticos publicados em língua portuguesa e estima-se que também tenha sido usada no Brasil.

Posteriormente, no início do Século XIX, passam a ser produzidos os primeiros livros didáticos no Brasil. Essas obras seriam utilizadas nos colégios de nível secundário em algumas capitais das províncias do Império e nas pequenas e esparsas “escolas para ler, escrever e contar” (BITTENCOURT, s/d, p. 5).

Com a chegada da Família Real portuguesa, em 1808, é instalada a Impressão Régia, a primeira tipografia do Brasil, que, além de publicar atos oficiais, ficou responsável pela publicação de livros didáticos. Após a Independência do Brasil, em 1822, surgem algumas editoras, geralmente de proprietários portugueses ou franceses. Em muitas situações, essas editoras mandavam publicar suas obras em outros países, devido à escassez de suprimentos (como papel e tinta). No início do Século XIX, era costume adotar livros traduzidos (principalmente do francês) ou importados de Portugal (BITTENCOURT, s/d, p. 5; MINDLIN, 2010, p. 19; ABREU, 2010, p. 44; SOUZA, 1999, p. 25).

Como dissemos anteriormente, inicialmente foram utilizadas no Brasil cartilhas de autores portugueses, como a de Antônio de Araújo Travassos (1820), o *Método Castilho* (1850) e a *Cartilha Maternal* (1877), de João de Deus. As primeiras cartilhas de autores

brasileiros a serem consagradas pelo professorado foram a *Cartilha Nacional*, de Hilário Ribeiro (provavelmente escrita na década de 1880), e a *Cartilha de Infância*, de Thomaz Galhardo (obra que talvez tenha sido escrita no início da década de 1880). Apesar do surgimento dessas obras, a escassez de livros didáticos ainda imperava:

Conquanto existam referências ao uso, no país, das cartilhas portuguesas, esse uso deve ter sido limitado. Eram frequentes, até quase o fim do século passado, as queixas sobre falta de livros e materiais didáticos nas províncias. Textos manuscritos, elaborados pelos próprios professores, cartas, ofícios e documentos de cartórios faziam as vezes de material de aprendizagem de leitura e escrita (PFROMM NETO; ROSAMILHA; DIB, 1974, p. 159).

Na primeira metade do Século XX, passam a ser adotados os livros de leitura, gênero introduzido por Abílio C. Borges, também conhecido como barão de Macaúbas (BITTENCOURT, s/d, p. 5-6). Os livros de leitura “destacavam temas que visavam a difundir um espírito nacionalista de caráter patriótico, abordando temas sobre o Brasil e histórias do nosso folclore” (BITTENCOURT, s/d, p. 6). Eram livros escolares cujos capítulos tratavam de temas como a escola, o relacionamento entre os alunos e os professores (alguns textos se caracterizavam pela narração em 1ª pessoa), a fauna e a flora brasileira, a pátria. Em outras palavras, além de servirem de material de leitura para os alunos, tinham o intento de instruí-los e de lhes infundir um conteúdo moral. Destacam-se, dentre os livros de leitura, as obras de Hilário Ribeiro, Felisberto de Carvalho, Puiggari, Puiggari-Barreto, João Köpke, Thomaz Galhardo, Olavo Bilac e Manuel Bomfim. Obras de Monteiro Lobato, como *Narizinho Arrebitado* e *Fábulas*, também foram utilizadas como livros de leitura escolar (PFROMM NETO; ROSAMILHA; DIB, 1974, p. 181; BIGNOTTO, 2010, p. 135-136; RAZZINI, 2010, p. 116-117).

Enquanto os alunos das séries iniciais (o antigo primário) utilizavam cartilhas e livros de leitura, os alunos das séries mais avançadas (o antigo ginásio) estudavam língua materna com o auxílio de antologias (também conhecidas como *seletas* ou *florilégios*), gramáticas e manuais de Retórica e Poética. A gramática e a seleta eram livros separados e são oriundas das antigas gramáticas e das coletâneas de textos de autores consagrados já usadas por gregos e romanos em época anterior à era cristã. Somente durante o período imperial surgem as primeiras gramáticas elaboradas no Brasil. Talvez esse fato se deva à implantação tardia da imprensa no país, à pobreza de recursos e ao pouco incentivo oferecido ao ensino. Portanto, gramáticas portuguesas continuavam a ser empregadas no ensino brasileiro. Nesse período são muito adotadas as gramáticas de Antônio Álvaro Pereira Coruja, editada em 1835; de Sotero dos Reis (1865); de Júlio Ribeiro (1881); de João Ribeiro (1886) e de Maximino Maciel (1894), dentre outras (PFROMM NETO; ROSAMILHA; DIB, 1974, p. 191; 194-199; 202; BUNZEN; ROJO, 2005, p. 76; CARNEIRO, 2004, p. 165). As antologias eram coletâneas de textos literários em prosa e em verso, tanto de autores portugueses como brasileiros, considerados como pertencentes ao cânone. A esses textos seguiam-se breves comentários, notas explicativas e, por vezes, um vocabulário (BUNZEN; ROJO, 2005, p. 76). É também durante o Império que surgem as primeiras antologias brasileiras (textos de autores brasileiros, selecionados por brasileiros), nem sempre elaboradas com fins didáticos, o que vem a ocorrer a partir do período republicano. Os textos encontrados nessas obras eram utilizados em exercícios de leitura, composição e redação. Com o tempo, de simples coletâneas de textos de autores consagrados, as antologias e seletas passaram a incluir, após cada lição, um vocabulário, notas, explicações adicionais, questionários, exercícios de vocabulário e gramática, elocução, redação, entre outros (PFROMM NETO; ROSAMILHA; DIB, 1974, p. 202-203). De acordo com Souza (1999, p. 86), os textos canonizados como

flores de retórica eram didaticamente instrumentalizados em antologias, palavra que, etimologicamente, significa *coleção de flores*.

Avançando até os anos 50 e 60 do Século XX, percebemos que a coletânea de textos (*seleta, antologia*) e a gramática cedem seu lugar a um tipo de material em que os conteúdos gramaticais e os textos literários passam a conviver em um só gênero (BUNZEN; ROJO, 2005, p. 76-77). Segundo Soares (1998, p. 55),

na primeira metade do manual, a gramática; na segunda metade, uma antologia — como na coleção didática de Raul Moreira Lellis, que dominou o ensino nos anos 50; em seguida, gramática e textos integrados, o texto usado como base para o estudo da gramática, como nos manuais publicados nos anos 60.

Ocorre, portanto, uma modificação na estrutura do material didático utilizado até então: se antes havia uma distinção entre a seção destinada às lições de gramática e a seleção de textos, nesse momento passa a haver uma integração entre as duas seções, com o texto servindo para o estudo de gramática.

Com a democratização do ensino (ampliação do acesso à escola), ocorrida a partir da década de 1960, percebe-se a mudança de perfil tanto do alunado quanto do professorado. Em consequência desse fato, notam-se modificações nos materiais didáticos: surge em cena o livro didático, substituindo as antologias, seletas e gramáticas (BUNZEN; ROJO, 2005, p. 77-79).

O feitio que têm os livros didáticos hoje (com textos, vocabulário, interpretação, gramática, redação e ilustrações) surgiu no fim dos anos 60, vindo a se consolidar na década de 70, início da expansão editorial desse tipo de livro, que na década de 80 chegou a aproximadamente 20000 títulos e, na de 90, em torno de 25000 (BEZERRA, 2003, p. 35).

Após a segunda guerra mundial, o padrão do livro didático para o ensino de português na escola secundária sofre sensíveis mudanças. Mais do que simples transcrições de trechos seletos, os compêndios passaram a apresentar orientações, exercícios, atividades, resumos, esquemas, etc., adotam novas disposições gráficas e passam a incluir uma parcela significativamente maior de autores contemporâneos do que aquela que se observava nas antigas séries didáticas. Para essa melhoria sensível da qualidade dos livros didáticos, contribuíram, em não pequena medida, as recomendações do Conselho Federal de Educação, favorecendo um ensino mais dinâmico, prático e livre do idioma. Exemplos dessa nova orientação são as séries de Domício Proença Filho e Maria Helena Marques (*Português*), Magda Soares Guimarães (*Português Através de Textos*), Reinaldo Mathias Ferreira (*Estudo Dirigido de Português*), Alaíde Lisboa de Oliveira (*Comunicação em Prosa e Verso*) e outros, publicados nos últimos anos (PFROMM NETO; ROSAMILHA; DIB, 1974, p. 203).

As mudanças educacionais ocorridas durante a época da ditadura e a promulgação da Lei de Diretrizes e Bases (1961) e da Lei 5692/71 também podem ser associadas ao surgimento do livro didático (BUNZEN; ROJO, 2005, p. 76).

Bunzen e Rojo definem o livro didático, com base em estudos bakhtinianos sobre a intercalação dos gêneros, como um gênero resultante da confluência da antologia, da gramática e da aula. Segundo os autores, a gramática e a coletânea de textos se fundem com um conjunto de instrumentos de normalização das atividades (observar, ler e responder

questionários etc.) e com as explicações didáticas, não mais a cargo do professor, mas realizadas pelos autores de livro didático (BUNZEN; ROJO, 2005, p. 73;79).

O advento do livro didático, como o conhecemos atualmente, coincide com a mudança do perfil docente: esse material didático supriria as necessidades de um professor que nem sempre tinha tempo para elaborar suas próprias aulas (desdobrando-se entre dois ou mais colégios) ou que não tivera uma boa formação acadêmica como os de outrora, como destaca Bezerra (2007, p. 42):

Se os professores mudaram e não responderam às exigências dessa prática de ensino gramatical, surgem os livros didáticos (com textos, lições de gramática e exercícios) para suprirem as lacunas de conhecimento desses professores. Agora, sobretudo a partir da década de 70 do século passado, não é mais dada a eles a responsabilidade de prepararem suas aulas e exercícios, como antigamente; isto compete ao autor do livro didático (BEZERRA, 2007, p. 42).

É bastante interessante a observação sobre esse novo perfil do professorado encontrada no *Guia Metodológico* do livro *Comunicação/Interpretação* (LEITE; NUNES; ERMAN, 1978, p. 3-5):

Partimos, inicialmente, da seguinte premissa: *Todo livro didático ou paradidático é apenas um instrumento de trabalho*. Obviamente, há instrumentos mais adequados ou menos adequados: em situação normal, não se corta pão com bisturi, nem se faz cirurgia com faca (embora, em casos ultra-excepcionais, isso possa ocorrer). Dessa forma, se dentro das regras do bom-senso o instrumento puder ser considerado adequado ao fim a que se destina, *o valor real desse instrumento dependerá mais dos que o usam e como o usam*.

Assim, pois, o uso que aluno(s)/professor(es) fizer(em) da coleção, em função dos objetivos a atingir, é que determinará sua validade.

Julgamos que o instrumento é adequado. (Melhor seria, evidentemente, que cada professor pudesse fazer exercícios para a(s) turma(s) que tivesse, havendo adaptações à realidade de cada turma. Mas isso é utopia!) (...)

Não deve o professor limitar-se a dar as respostas “certas”. Se marcarmos as respostas na edição do professor, foi apenas para atender àqueles casos (que, infelizmente, são bastante numerosos) de quem nem sempre tem tempo para preparar com antecedência o texto, premido pela necessidade de prover sua subsistência, correndo de um colégio para outro. A resposta assinalada pode servir de ponto de partida, mas não exime o professor de se deter no mais importante: *discutir com a turma* (...).

Passemos a tratar da seleção textual efetuada em obras didáticas antigas e atuais. Nosso intuito foi investigar, mesmo que aproximadamente, quando o texto de humor passou a integrar o rol de textos didáticos.

3. A seleção textual em livros antigos e atuais

Procuramos, a seguir, oferecer um breve panorama da seleção de textos realizada em livros antigos e atuais, o que nos permitirá também entender como foi se dando a inclusão dos gêneros de humor nas obras didáticas ao longo do tempo.

Se observarmos os *Programas de Ensino* do Colégio Pedro II/Ginásio Nacional (SOUZA, 1999), é possível percebermos que o texto humorístico já se encontrava incluído nesses documentos. Os Programas não só serviam como diretrizes para o trabalho realizado pelos professores desse colégio, como também eram considerados como um modelo para outras escolas da época. Após breve análise tanto do sumário (organizado por Roberto Acízelo de Souza (1999), delineado sobretudo a partir do *Compêndio de retórica e poética*, de Manoel da Costa Honorato, com o fim de estabelecer um panorama do sistema retórico-poético no ensino brasileiro oitocentista) quanto dos Programas de Ensino, identificamos gêneros humorísticos tais como a comédia, a tragicomédia, a farsa, o entremez, a paródia, o *vaudeville*, a ópera cômica, a poesia satírica, o poema herói-cômico, o poema jocoso, o poema satírico e o epigrama. Nesse período, predominam, como se pode perceber, os gêneros humorísticos dramáticos.

Passemos aos livros de leitura. Os livros voltados para os alunos das séries iniciais, além de fornecer material de leitura para os estudantes, transmitiam a eles algum tipo de ensinamento moral. Nessas obras não aparecem textos de origem humorística; podemos até encontrar textos escritos de maneira bem-humorada, mas textos humorísticos não foram encontrados nas obras por nós analisadas.

Identificamos outro grupo de livros de leitura, em que se mesclavam textos dos próprios autores com os de autores consagrados ou em que predominam esses últimos (voltado para os leitores mais proficientes, o que pode ser depreendido da escolha dos textos e de seus autores). Não mais compostos apenas por textos dos próprios autores, que passam também a ser os compiladores dos textos de autores literários portugueses e brasileiros (cujos textos são tidos como bons modelos a serem copiados pelos alunos), esses livros oferecem material para a leitura dos estudantes. Durante nossa análise, encontramos textos como *A ponta do nariz*, trecho do romance *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, um texto que se não pode ser considerado humorístico, é um exemplar representativo da ironia (cf. KÖPKE, 1909). Também identificamos a presença da paródia, como a realizada com base no conhecido poema de Raimundo Correia, “As pombas”, encontrada na obra *Quarto livro de leitura*, da Livraria Salesiana Editora, publicada em 1929.

As antologias, por sua vez, eram reservadas aos alunos das séries mais avançadas e já apresentavam alguns textos de humor. Podemos citar *Plebiscito* e *Um capricho*, de Artur Azevedo, e textos que primam pela ironia, como *A ponta do nariz*, de Machado de Assis. É de se notar o caso de uma antologia que dedicava um capítulo específico ao humor. *A Antologia brasileira: coletânea em prosa e verso de escritores nacionais*, de autoria de E. Werneck (1945), da Livraria Francisco Alves, apresenta uma seção intitulada *Humorismo*, composta por textos sobre França Jr. e Urbano Duarte (dois comediógrafos), além de dois textos escritos pelos respectivos autores (*Jantares* e *O matuto mineiro*); uma seção intitulada *Teatro*, composta pelas comédias *A família e a festa na roça* (de Martins Pena) e *Como se fazia um deputado* (França Jr.), e outra de sátiras e epigramas.

Não é só a democratização do acesso da população à educação (e a consequente mudança do perfil do alunado, que agora apresenta níveis de letramento bastante heterogêneos), ocorrida na década de 1960, a responsável pelas mudanças ocorridas na seleção de textos a serem trabalhados com os alunos (BUNZEN; ROJO, 2005, p. 77-78). O advento do livro didático (como o conhecemos atualmente) e a adoção de uma concepção de língua como instrumento de comunicação, a partir da década de 1970, também geraram mudanças na forma de selecionar os textos que integram tais obras. Ao lado dos textos literários (que foram perdendo a hegemonia nas obras didáticas), entram em cena textos do cotidiano ou que circulavam nos meios de comunicação de massa, como notícias e reportagens, anúncios publicitários, charges e histórias em quadrinhos, por exemplo (cf. TRAVAGLIA, 2004, p. 114; CARNEIRO, 2004, p. 169). Como se pode comprovar, é nesse

período que as histórias em quadrinhos e as charges passam a figurar nesses materiais didáticos. É o que encontramos na obra de Leite, Nunes e Erman (1978), que arrola *cartuns*, *histórias em quadrinhos (tirinhas)*, *anedotas*, dentre outros gêneros textuais cotidianos, ao lado dos tradicionais textos literários.

Encontramos um exemplo da inclusão de textos do cotidiano, inclusive dos humorísticos, na coleção *Comunicação em língua portuguesa*, de Magda Soares e Adilson Rodrigues (1975). Analisando o volume da 8ª série (atual 9º ano do Ensino Fundamental), identificamos quantidade expressiva de textos humorísticos, dentre eles histórias em quadrinhos, tiras e cartuns (de personagens como os da Turma da Mônica, da Turma do Pererê, Mafalda e Snoopy; de cartunistas como Ziraldo, Jaguar, Caulos, Nilson, Millôr Fernandes, Sempé, Claudius); crônicas (de Fernando Sabino e de Carlos Drummond de Andrade) e poema-colagem (“Poeminha preocupado na sociedade de consumo”, de Millôr Fernandes).

É feita ainda menção aos textos humorísticos, considerados representativos da cultura brasileira:

O aluno entra em contato com a Cultura Brasileira em textos:
literários
em prosa
em verso
jornalísticos
humorísticos (...) (p. 121)

Na década de 1980, a divulgação de teorias linguísticas, como a Linguística Textual, que privilegiavam o estudo do texto, influencia a seleção textual dos livros didáticos, que fica mais diversificada e ampliada, destacando-se os textos jornalísticos (notícias, reportagens, entrevistas, propagandas).

Segundo Bezerra (2007, p. 45),

A ênfase nessa variedade de texto é motivada, principalmente, pela ideia de que os alunos precisariam ler textos mais atuais, mais próximos de sua realidade (não só os jornalísticos, mas também os literários), tanto do ponto de vista da temática quanto da linguagem.

No final da década de 1990, com a publicação dos *Parâmetros Curriculares Nacionais* (documento oficial que buscava criar um padrão norteador para a educação em todo o país, diminuindo as disparidades entre o que era ensinado nas diferentes regiões do território nacional), novo enfoque é dado ao texto no livro didático de Língua Portuguesa, passando a ser abordado em sua condição de gênero textual.

A análise de um livro didático editado recentemente nos permite concluir que a seleção textual é bastante rica e diversificada, explorando as características dos gêneros em questão. Entre os textos selecionados, encontraremos os gêneros humorísticos figurando nos livros didáticos (*charges*, *cartuns*, *histórias em quadrinhos*, *piadas*, entre outros) e até capítulos inteiros dedicados ao tema (como exemplo, citamos DELMANTO; CASTRO, 2009, p. 8-33).

Como se pode depreender, a inclusão dos gêneros de humor nos livros didáticos de Língua Portuguesa (e, por extensão, pode-se afirmar que o mesmo ocorreu no ensino de língua materna) se deu de forma gradual. Seria muita pretensão acreditar que somente as obras didáticas mais recentes os têm utilizado.

Em resumo, conseguimos identificar exemplos de textos de humor já sendo indicados como material de leitura nos Programas de Ensino do Colégio Pedro II. Naquela época, os

textos de humor a serem trabalhados em sala de aula eram os pertencentes aos gêneros dramático (dentre eles, a comédia) e ao epigramático (o epigrama). Com o decorrer do tempo, ocorre uma mudança dos gêneros selecionados e um progressivo aumento da quantidade de textos incluídos. Não identificamos textos de humor nos livros de leitura por nós pesquisados, até porque sua função, além de servir como material de leitura para os estudantes mais jovens, era instruí-los e incentivar os bons costumes, os valores corretos, o amor à Pátria (não havia espaço para o humor em tais obras, até mesmo em decorrência da visão que se tinha do humor à época). Não obstante, encontramos, em antologias e seletas, textos de humor ou caracterizados pela ironia; tais textos, em sua maioria, narrativos (contos e anedotas); as comédias, as sátiras e os epigramas ainda constavam da seleção textual efetuada. Com o advento do livro didático como o conhecemos, novos gêneros de humor (de preferência, narrativos) passam a integrar as obras didáticas: crônicas, tiras, histórias em quadrinhos, charges, cartuns e anedotas. Nota-se também, devido ao incremento dos recursos tipográficos, o aumento dos gêneros que mesclam as linguagens verbal e não verbal, aliando a palavra ao desenho (caso das tiras, histórias em quadrinhos, charges e cartuns).

O emprego de textos de humor, como vimos, não é novidade, mas a abordagem do humor verbal realizada anteriormente não era significativa, diferentemente do que pudemos observar nos livros mais recentes. É o que veremos na próxima seção.

4. A abordagem do humor pelos livros didáticos atuais

Apesar de se notar uma sensível mudança na abordagem do texto, ocorrida principalmente devido à influência de teorias que conferem a ele um lugar de destaque (a Linguística Textual e as teorias do letramento, por exemplo) e à publicação dos PCN (que adotam a concepção de se trabalhar o texto, em sala de aula, observando a sua condição de gênero textual), ainda é possível encontrar livros didáticos que o utilizam como pretexto para o ensino de teoria gramatical. O que ocorre na abordagem do texto de humor não é muito diferente. Ao compararmos o que o *Manual do Professor* dessas obras prega, identificamos um grande descompasso entre a teoria proposta (abordar o texto segundo sua condição de gênero textual) e a prática. Apesar do que é dito sobre a coleção estar em consonância com os PCN no tocante a uma abordagem contextualizada dos conteúdos linguísticos, não é raro encontrarmos questões que se limitam apenas a cobrar dos alunos um conhecimento de ordem gramatical ou nomenclatural, geralmente a partir de frases soltas, descontextualizadas, retiradas dos textos de humor, por exemplo.

Vejamos dois exemplos:

5) Leia a piada:

Sempre o Juquinha

No primeiro dia de aula, a professora explica que vai testar a capacidade de raciocínio das crianças, fazendo-as ligar determinadas características ao animal certo. Chama o Juquinha e começa:

— Quem pia é...

— Pião — diz o garoto terrível.

Com paciência, a professora diz que é o pintinho da galinha que pia.

— Vou lhe dar outra chance: quem ladra é...

— Ladrão!

A professora, irritada, explica que é o cachorro.

— Seu Juquinha, vou lhe dar a última chance: quem muda de cor é...

E o Juquinha:

— Semáforo!

Almanaque Brasil de Cultura Popular. São Paulo, ano 2, n. 15, jun. 2000, p. 30.

- a. Nessa piada, que recurso foi utilizado para introduzir as falas das personagens?
- b. Em seu caderno, rescreva as partes sublinhadas dando a palavra à professora.

(Fonte: BORGATTO *et alli*, 2009, p. 137 – 6º ano)

6. Reconte a anedotinha abaixo, transformando a personagem principal numa garota que só tem uma irmã.

Um menino num programa de TV. Fala o animador:

— Você tem irmãos?

— Tenho um mais novo.

— Ele está na escola?

— Não. Ele está em casa, fingindo de enfermo, para me ver na TV.

(Ziraldo. *Anedotinhas do Bichinho da Maçã*. São Paulo, Melhoramentos, 1993. p. 27)

(Fonte: DELMANTO; CASTRO, 2009, p. 124 – 6º ano)

Destaque-se que nem as características dos gêneros *anedota* e *piada*, nem a causa do humor do texto foram abordadas nos dois casos. No primeiro exemplo, o texto foi aproveitado para abordar os diferentes tipos de discurso (direto e indireto) e suas formas de transcrição, enquanto o segundo foi empregado para que o aluno o reescrevesse, realizando a flexão do substantivo, que vem a ser um dos tópicos estudados na unidade didática.

Devido à preocupação em trabalhar os variados gêneros textuais, as propostas de produção de texto dos livros didáticos têm contemplado bastante os textos humorísticos. Não raro pede-se ao aluno que produza tiras, histórias em quadrinhos, charges, piadas, por exemplo.

Note-se que, nas atividades de produção textual, geralmente são estudadas mais detalhadamente as características do gênero textual. É oferecido ao aluno um rico roteiro sobre como construir seu texto, obedecendo às características do gênero.

No exemplo apresentado a seguir, é solicitado ao aluno que produza sua própria história em quadrinhos. A ele são oferecidas informações sobre esse gênero textual e sobre como fazer sua autoavaliação:

Você tece o texto

Produção escrita: História em quadrinhos

Este é o momento de você mostrar o que sabe e produzir sua própria HQ.

Forme uma dupla de trabalho com um(a) colega de sala e escolham o assunto do texto: paquera, amizade, passeio, família, escola... O objetivo é criar uma história em quadrinhos bem expressiva que agrade e divirta o leitor. O texto produzido poderá ser entregue a uma pessoa que goste de ler quadrinhos. A própria dupla elegerá esse leitor. Seria interessante que ele comentasse as qualidades e falhas encontradas.

A dupla iniciará a criação do texto em sala de aula, onde poderá pedir a colaboração da turma. O(A) professor(a) marcará uma data para que o trabalho possa ser apresentado. (...)

Planejamento, execução e revisão do texto

Difícilmente alguém consegue produzir um bom texto sem planejá-lo e revisá-lo com tempo e consciência. Na realização do trabalho proposto, a dupla poderá proceder conforme os passos sugeridos:

1. Primeiro, façam uma lista de assuntos interessantes para uma história em quadrinhos. Escolham um assunto bem envolvente.
2. Criem um ou mais personagens com características físicas e personalidade apropriadas ao papel a ser desempenhado.
3. Façam o rascunho da história com começo, meio e fim, desenhando os personagens em cena. Utilizem todos os recursos possíveis para dar vida ao texto: balões, símbolos e sinais gráficos, cores, legendas, interjeições, onomatopeias... Lembrem-se de colocar um título sugestivo. E tentem construir a história com trechos que exijam do leitor o uso de inferências.
4. Pronto o rascunho, observem em detalhe os desenhos e os trechos escritos e analisem a necessidade de mudanças. Vocês podem se basear nesta ficha:

Ficha de autoavaliação da história em quadrinhos

- Criamos personagens que combinam com a história?
 - Organizamos os quadrinhos numa sequência adequada?
 - Incluímos balões, legendas, interjeições e outros recursos para dar expressividade ao texto?
 - Colocamos situações inesperadas para provocar o riso do leitor? Construímos inferências de leitura?
 - Tomamos os devidos cuidados para não deixar trechos confusos nem com outros tipos de incompreensão?
5. Passem o texto a limpo em papel adequado e fiquem atentos à boa apresentação visual.

Avaliação do texto

Procurem saber do(a) professor(a) como será feita a avaliação. Sugerimos alguns critérios:

Critérios de avaliação da história em quadrinhos

- Adequação ao gênero textual (HQ)
- Criatividade (assunto, personagens, história, recursos expressivos...)
- Coerência (unidade de sentido, organização)
- Coesão (ligação entre quadrinhos, palavras, frases...)
- Linguagem (clareza, concisão, estilo, desempenho gramatical)

Circulação do texto

A classe poderá organizar um gibi com as histórias em quadrinhos elaboradas e possibilitar que muitos leitores também se divirtam com as criações. Expor o gibi num local especial da escola — gibiteca ou biblioteca, por exemplo — será uma maneira de propiciar que textos e autores sejam reconhecidos. E por que não encaminhar uma cópia da revistinha para um autor de histórias em quadrinhos famoso?

(Fonte: FERREIRA *et alli*, 2009, p. 80-81 – 7º ano)

Constatamos também, no tocante à produção textual, uma grande preocupação com a superestrutura do texto, ressaltando para o aluno os aspectos formais do gênero textual que está sendo ensinado. Em alguns casos, não é feita menção às estruturas da língua, ficando esse aspecto da produção escrita em segundo plano. Identificamos também, nesse exemplo, preocupação com o que provoca o humor (“Colocamos situações inesperadas para provocar o riso do leitor?”) e com as inferências que o leitor deve realizar para atribuir sentido ao que lê

(“E tentem construir a história com trechos que exijam do leitor o uso de inferências.”; “Construímos inferências de leitura?”).

Nos livros didáticos analisados, também foram encontradas questões que abordavam o humor verbal, em especial como ele era causado. Nota-se em muitas questões o intuito de levar o aluno a identificar o que gera o riso, como veremos a seguir. Algumas abordagens são mais gerais; outras, mais detalhadas, oferecendo mais informações sobre o humor verbal, o humor que decorre dos recursos linguísticos que a língua oferece.

Uma das causas do humor verbal pode ser um equívoco ou mal-entendido provocado por algum elemento de ordem linguística, como ocorre na crônica “Assalto”, de Carlos Drummond de Andrade (1973, p. 1246-1247). Dentre as questões sobre esse texto, encontramos uma que remete ao humor verbal:

7) Em que consiste o caráter cômico do texto?

Resposta do professor: O efeito cômico é resultante de um equívoco, decorrente da atribuição de um significado à palavra **assalto** diverso daquele que foi empregado pela senhora. Professor(a): Trata-se de um recurso cômico bastante utilizado nas comédias: o quiproquó, que consiste na confusão de uma coisa com outra (...).

(Fonte: TERRA; CAVALLETE, 2009, p. 38 – 6º ano)

Nesse caso, a palavra *assalto* causa o mal-entendido, uma vez que permite uma dupla leitura, uma interpretação ambígua, diga-se de passagem, proposital, intencional. No texto, algumas pessoas se assustam pensando tratar-se de um roubo, quando, na verdade, era apenas uma senhora queixando-se do preço exorbitante do chuchu, considerando-o um “assalto”.

O mal-entendido também pode ser provocado pelo equívoco de não se fazer a distinção entre *uso* e *menção*, como ocorre na anedota explorada na questão reproduzida a seguir. Os filhos não percebem que o pai simplesmente menciona as palavras *cafona* e *careta*, interpretando-as de outra maneira:

Leia a seguinte anedota, contada por Ziraldo, para responder às questões 5 e 6.

E tinha aquele professor de gramática que gostava de falar direitinho, um português limpo, a pronúncia bem-caprichada, os termos bem-escolhidos. Ao ouvir as gírias que os filhos usavam, ficou escandalizado e pediu:

— Eu queria pedir um favor, pode ser?

— Claro, papai.

— Por favor, não falem duas palavrinhas: uma é “cafona” e a outra é “careta”. Está bem?

— Tudo bem, papai. Quais são as palavras?

(Ziraldo. *As anedotinhas do Bichinho da Maçã*. 14. Ed. São Paulo: Melhoramentos, 1988. p. 8)

5. A graça da anedota está na falta de entendimento entre pai e filhos.

a) Por que o pai não queria que os filhos falassem **cafona** e **careta**?

b) Como os filhos entenderam o pedido do pai?

(Fonte: CEREJA; MAGALHÃES, 2009, p. 52 – 6º ano)

Dentre os recursos linguísticos que mais se destacaram no *corpus* de nossa pesquisa, podemos citar o *trocadilho* ou o *jogo de palavras* (quando se faz uma brincadeira com palavras parecidas ou semelhantes na sonoridade, mas diferentes em relação ao sentido); o *duplo sentido* ou a *ambiguidade*, decorrentes do emprego de palavras polissêmicas,

homônimas ou por se considerar o sentido literal em vez do figurado (e vice-versa), por se confundir o uso com a menção de um termo; o *mal-entendido* ou o *equivoco*, decorrentes do emprego de uma palavra polissêmica ou homônima, do emprego de uma variante linguística, cuja pronúncia semelhante à de outra palavra pode gerar o equívoco. Podemos citar ainda outros recursos, como os neologismos (geradores do efeito surpresa, outra causa muito associada ao humor) e a seleção lexical equivocada.

5. Considerações finais

Nosso objetivo, ao empreender tal pesquisa, foi fornecer subsídios que contribuam para os estudos do humor, em especial o verbal, e sua aplicação ao ensino. Acreditamos que o humor verbal é bem-vindo às salas de aula, uma vez que enriquece as aulas, demonstrando ao aluno que a língua portuguesa é viva, está em todo lugar, inclusive fazendo-os rir. Além disso, o humor pode servir de atrativo para o aluno, que se mostra, muitas vezes, desinteressado pelo estudo de sua própria língua. Perceber a expressividade da língua é reconhecer que ela não é mero instrumento de comunicação, mas lugar de interação entre os seus falantes. Fazer o outro rir é agir sobre ele, é interagir.

Esperamos que nossa análise do humor verbal, presente nos livros didáticos de Língua Portuguesa, tenha contribuído para compor um breve panorama de como se deu a inclusão do texto humorístico no livro didático, oferecendo também um breve histórico desse tão importante recurso didático, preservando-o em nossa memória.

É sempre relevante destacar que a leitura do texto de humor e o reconhecimento dos recursos linguísticos que o provocam, além do enriquecimento das aulas de língua materna, oferecem ao aluno a oportunidade de refletir — não devemos esquecer a função corretiva do riso, conforme destacou Bergson (2001, p. 146) —, necessária para que ele se torne um cidadão crítico e consciente.

Referências bibliográficas:

ABREU, Márcia. “Duzentos anos: Os primeiros livros brasileiros”. In BRAGANÇA, Aníbal; ABREU, Márcia (orgs.). *Impresso no Brasil: dois séculos de livros brasileiros*. São Paulo: Editora Unesp, 2010. p. 41-65.

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Poesia completa e prosa*. Rio de Janeiro: Aguilar, 1973. p. 1246-1247.

BATISTA, Antônio Augusto Gomes; ROJO, Roxane; ZÚÑIGA, Nora Cabrera. “Produzindo livros didáticos em tempo de mudança (1999-2002)”. In COSTA VAL, Maria da Graça; MARCUSCHI, Beth (orgs.). *Livros didáticos de língua portuguesa: letramento, inclusão e cidadania*. Belo Horizonte: Ceale; Autêntica, 2005. p.47-72.

BERGSON, Henri. *O riso: ensaio sobre a significação da comicidade*. São Paulo: Martins Fontes, 2001. 152 p.

BEZERRA, Maria Auxiliadora. “Ensino de língua portuguesa e contextos teórico-metodológicos”. In DIONISIO, Ângela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (orgs.). *Gêneros textuais e ensino*. 5 ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007. p. 37-46.

_____. “Textos: seleção variada e atual”. In DIONÍSIO, Ângela Paiva; BEZERRA, Maria Auxiliadora (orgs.). *O livro didático de português: múltiplos olhares*. 2 ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003. p. 35-47.

BIGNOTTO, Cilza. “Monteiro Lobato: editor revolucionário?”. In BRAGANÇA, Aníbal; ABREU, Márcia (orgs.). *Impresso no Brasil: dois séculos de livros brasileiros*. São Paulo: Editora Unesp, 2010. p. 121-137.

BITTENCOURT, Circe Fernandes. “Momentos do livro didático brasileiro”. *A história do livro didático brasileiro*. [s.l.]: Abrelivros, [s/d]. p. 4-11.

BORGATTO, Ana Maria Trinconi; BERTIN, Terezinha Costa Hashimoto; MARCHEZI, Vera Lúcia de Carvalho. *Tudo é linguagem: língua portuguesa*. São Paulo: Ática, 2009.

BUNZEN, Clecio; ROJO, Roxane. “Livro didático de língua portuguesa como gênero do discurso: autoria e estilo”. In COSTA VAL, Maria da Graça; MARCUSCHI, Beth (orgs.). *Livros didáticos de língua portuguesa: letramento, inclusão e cidadania*. Belo Horizonte: Ceale; Autêntica, 2005. p. 73-117.

CARNEIRO, Agostinho Dias. “O texto nos livros didáticos”. In HENRIQUES, Claudio C.; SIMÕES, Darcilia (orgs.). *Língua e cidadania: novas perspectivas para o ensino*. Rio de Janeiro: Europa, 2004. p. 157-174.

CEREJA, William Roberto; MAGALHÃES, Thereza Cochar. *Português: linguagens*. 5 ed. São Paulo: Atual, 2009.

COSTA VAL, Maria da Graça; MARCUSCHI, Beth (orgs.). *Livros didáticos de língua portuguesa: letramento, inclusão e cidadania*. Belo Horizonte: Ceale; Autêntica, 2005. 272 p.

DELMANTO, Dileta; CASTRO, Maria da Conceição. *Português: ideias & linguagens*. São Paulo: Saraiva, 2009.

FERREIRA, Givan; CORDEIRO, Isabel Cristina; KASTER, Maria Aparecida Almeida; MARQUES, Mary. *Trabalhando com a linguagem*. São Paulo: Quinteto Editorial, 2009.

KÖPKE, João. *Quarto livro de leituras para uso das escolas primárias e secundárias*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1909. (série Rangel Pestana).

LEITE, Roberto Augusto Soares; NUNES, Amaro Ventura; ERMAN, Rosa. *Comunicação, Interpretação*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1978.

MINDLIN, José. “Impressão Régia: seu significado e suas realizações”. In BRAGANÇA, Aníbal; ABREU, Márcia (orgs.). *Impresso no Brasil: dois séculos de livros brasileiros*. São Paulo: Editora UNESP, 2010. p. 19-21.

Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa/ Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

PFROMM NETO, Samuel; ROSAMILHA, Nelson; DIB, Cláudio Zaki. *O livro na educação*. Rio de Janeiro: Primor/INL, 1974. 256 p.

QUARTO livro de leitura. São Paulo: Livraria Salesiana Editora, 1929.

RAZZINI, Marcia de Paula Gregorio. “São Paulo: cidade dos livros escolares”. In BRAGANÇA, Aníbal; ABREU, Márcia (orgs.). *Impresso no Brasil: dois séculos de livros brasileiros*. São Paulo: Editora Unesp, 2010. p. 101-120.

ROCHA, Claudia Moura da. *O humor verbal e o livro didático de Língua Portuguesa: uma análise do aproveitamento didático do humor*. 2013. 381f. Tese de doutorado em Língua Portuguesa – Instituto de Letras, UERJ, Rio de Janeiro, 2013.

SOARES, Magda. “Concepções de linguagem e o ensino de Língua Portuguesa”. In BASTOS, N. B. (org.). *Língua Portuguesa: história, perspectiva e ensino*. São Paulo: EDUC, 1998, p. 53-60.

_____; RODRIGUES, Adilson. *Comunicação em língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1975.

SOUZA, Roberto Acízelo de. *O império da eloquência: retórica e poética no Brasil oitocentista*. Rio de Janeiro: EdUERJ/EdUFF, 1999.

TERRA, Ernani; CAVALLETE, Floriana Toscano. *Projeto Radix: português*. São Paulo: Scipione, 2009.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. “Tipologia textual, ensino de gramática e o livro didático”. In HENRIQUES, Claudio C.; SIMÕES, Darcilia (orgs.). *Língua e cidadania: novas perspectivas para o ensino*. Rio de Janeiro: Europa, 2004. p.114-138.

WERNECK, E. *Antologia brasileira: coletânea em prosa e verso de escritores nacionais*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1945.